

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quomabara

DATA: 04/06/1960 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: "Discrição" na Mostra do MAM do Rio em Utrecht

ASSUNTO: A crítica europeia e a arte brasileira  
Ivan e outros em Utrecht

*correio da manhã 4 junho 1960* 2.º Caderno

## ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

*A crítica europeia e a arte brasileira*

### "Discrição" na Mostra do MAM do Rio em Utrecht

Continua percorrendo a Europa a seleção de artistas modernos do país que o Museu de Arte Moderna do Rio reuniu em colaboração com o Itamarati. Depois da Alemanha, Áustria, foi para a Holanda, no Museu Central de Utrecht, e atualmente se encontra na Espanha. Em cada cidade em que passa, deixa sempre uma impressão polêmica e viva, pró ou contra, não importa. O importante é que não provoque indiferença, mesmo que os comentários sejam por vezes ostensivamente pessoais e prevenidos, como o que publicamos abaixo, do crítico A. Buffinga, da revista "Bouw" de 21 de maio último

"Seis anos depois da exposição de "Obras-Primas de São Paulo", então anunciada com fanfarras de propaganda, somente para maior glória do ultra habilidoso comprador E. de Assis Chateaubriand, mostra o Museu Central agora as obras dos artistas brasileiros modernos. Gosto mais desta última exposição. Ambas têm alguma coisa em comum, isto é, um nível bem desigual. Na primeira isso foi devido às atribuições erradas, nas quais, alguém enriquecido rapidamente baseou sua coleção, revelando todas as características da ânsia de possuir pelo possuir. A exposição atual reflete mais ou menos talento, o que é normal.

A vista das obras em Utrecht deve-se constatar que a arte brasileira se está desenvolvendo razoavelmente bem, quanto à pintura. A gráfica e sobretudo a escultura ainda mostram-se atrasadas, mas isto é um fenômeno natural na produção artística do momento.

Notável é a rápida decadência do folclore, primitivos e especialistas em temas nacionais. É verdade que ainda há alguns artistas que fazer gravuras coloridas, como por exemplo Elisa Martins da Silveira, mas tais obras não possuem mais do que um valor anedótico. Ainda mais notável é a pouca afinidade com a escola de pintura mexicana. O único que lhe é comparável é Portinari — colaborador na igreja em Pampulha do Niemeyer — que parece afastar-se do pomposo monumentalismo nacionalista daquela, para encaminhar-se ao expressivo-abstracto. O motivo principal para este fenômeno parece-me ser a diferença em emotividade, presumivelmente tendo sua origem na diferença entre Espanha e Portugal. O emocional na Espanha — e no México — é mais violento, menos (lógicamente) controlado, mais populista e mais telúrico-primário do que o de Portugal e, portanto, do Brasil. O espírito latino mais claro e o horizonte mais largo de uma nação marítima terão influído provavelmente na mãe-pátria.

Se não fosse assim, o fenômeno da abstração geométrica seria dificilmente explicável. Este precisamente está colhendo grande triunfos no Brasil. Pontos altos, nesse particular, são as obras de Mário Sílésio e Décio Vieira, que constam apenas de cor, linha e harmonia. Elas provam que o estilo, inventado por Mondriaan, não foi apenas uma moda temporária, mas ainda é fonte inspiradora de obras de arte essenciais e puras.

Que a composição e o "plus-value" são mais difíceis do que a construção exata, provam-no de maneira evidente, as obras deste estilo. Elas passam antes pelo crivo do que as de outras concepções de estilo. A influência de Bill parece sobretudo funesta e conduz até à esterilidade, como é o caso com Ivan Serpa e Judith Lauand.

Não podemos naturalmente citar tudo. Mas o que dizer das infantilidades de Nogueira, da matemática de Fiaminghi, dos exercícios de composição em preto e branco de Lygia Clark, das fechadas de Dacosta ou dos azulejos de Saldanha! Por isso ainda uma curta palavra sobre os abstratos expressivos, entre nós relacionados aos ou substituídos pelos tachistas. Aqui mostra-se claro o sentimento de medida dos brasileiros. Em parte alguma e em nenhum momento eles se deixam levar pelas garatuñas, ou desprezam as exigências da composição. Suas obras têm afinidade com as da pintora (portuguesa!) Vieira da Silva. Destacam-se pela discrição em relação aos meios materiais, uma discrição que é própria dos não-figurativos geométricos.

Por uma parte, dir-se-ia obra requintada, decoração; mas a arte brasileira não tem esta tendência. Essa discrição parece natural.

Como já disse, a arte gráfica é secundária e dominada pela influência de Segall, talento cuja grandeza eu não sinto.

A escultura divide-se sob a influência da Suíça e da Inglaterra, sem obter, porém, resultados impressionantes.

As observações acima, moderadas, certamente não significam menos apreço pela coleção de Utrecht. O nível médio é surpreendentemente alto e não se encontra nulidade — o que é um fenômeno normal em exposições de grupos.

A coleção foi organizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. O edifício do Museu é projetado pelo Affonso Eduardo Reidy. As poucas fotografias dão a impressão de ser bastante ambíguo. Um claro ponto de vista, quanto à solução "luz natural ou artificial", foi evitada por serem grandes e baixas as salas, combinando ambos métodos de iluminação. Tal solução geralmente acumula os defeitos dos dois sem suas vantagens. Como isto se passa no Rio, não posso naturalmente dizer".

#### NOVOS SÓCIOS DO MUSEU

Durante o mês de maio último, ingressaram no corpo de associados do Museu de Arte Moderna do Rio como,

##### Remidos

Izar Araújo Mota — Zygmunt Damm — Raymundo Ayres Sumner — Jayme Maria Francisco de Castellvi Ortega — José Baldini — Paulo Barabás — Ione Saldanha — Ubratan — Favilla — Lauro Rego Jardim — Lourdes Gomes de Mattos — Angelo Pedreira Duprat — Henrique Fleiuss — Maria Carolina Fleiuss.

##### Contribuintes

Odetta Rodrigues de Mello — Jean Michel Stotzer — Paulo de Almeida Neves — Clara Vodovoz — Léo de Oliveira Magalhães — Chlau Deveza — Leila Maria Ribeiro Pessoa — Francisco de Paula Vilmar — Sílvia Amélia de Mello Franco Chagas — Neilton Dias da Silva — Jacy Moraes da Costa Mattos — Carlos Augusto Vilhena de Magalhães Cunha — Maria Pereira Nunes de Aranha Oliveira — Heris Victoria Guimarães — Pindaro Castelo Branco — René Burri.

#### MAX BILL APRESENTA OS CONCRETOS DE S. PAULO

A grande exposição dos artistas concretos de São Paulo no Museu de Arte Moderna do Rio, iniciativa do Itinerário no ano passado, será aberta no próximo dia 30 com apresentação do Papa do Concretismo: Max Bill. Alguns dos teóricos do grupo pronunciarão palestras no Rio — Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, Waldemar Cordeiro.

#### MAX BENSE NO MUSEU DO RIO

Em outubro próximo Max Bense, o grande esteta, crítico e historiador da arte alemã, virá ao Brasil para pronunciar conferências no Museu de Arte Moderna do Rio. Este foi o tema de conversações entre o ministro Frank Moscoso e Carlos Flexa Ribeiro: na visita que o diplomata fez ao Museu. Desnecessário será dizer da importância dessa visita do antigo mestre de Ulm, e hoje professor da Universidade de Stuttgart, talvez a personalidade de maior relevo e importância na vanguarda internacional do pensamento crítico nas artes visuais

#### 268 OBRAS ALEMÃS NO MUSEU DO RIO

A maior exposição de arte contemporânea da Alemanha será enviada exclusivamente para o Museu do Rio e inaugurada no dia 1º de setembro, é o que informa Werner von Beyme, adido cultural da Embaixada da Alemanha no Brasil. Compreenderá 178 pinturas, 33 esculturas e 57 desenhos e gravuras, do período posterior a 1945. A evolução da arte alemã desde o fim da guerra até os nossos dias. Ocupará integralmente todas as salas do Museu.